



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

**BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

NOVA SÉRIE  
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ISSN 0522-7291



ANTROPOLOGIA

Nº 74

24, SETEMBRO, 1979

## FORMAS DE AVIAMENTO NUM POVOADO PESQUEIRO DA AMAZÔNIA

**Isôlda Maciel da Silveira**

Museu Goeldi

**RESUMO** — Estudo do sistema de aviação num povoado pesqueiro do Nordeste Paraense. Os aspectos sócio-econômicos analisados são decorrentes do sistema de aviação vigente na área. Abordada a divisão sexual do trabalho, procurando mostrar a importância do grupo doméstico na economia, visto que a produção pesqueira é realizada exclusivamente pelos membros desses grupos que são as unidades básicas de produção e consumo. A inexistência de água potável no povoado e os problemas decorrentes deste fato, são também analisados.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultante da interpretação dos dados coletados em pesquisa de campo, no povoado de Baunilha, Município de Primavera, Pará.

A primeira vez que estivemos em Baunilha foi em 1976, numa rápida visita. A inexistência de água potável e os problemas decorrentes deste fato, bem como o sistema de aviação vigente no povoado, despertaram em nós a vontade de retornar e estudar com maior profundidade esse povoado pesqueiro.

Retornamos em agosto de 1977, permanecendo por 30 dias na área, morando com a família de um dos comerciantes locais. A observação direta participante nos proporcionou a oportunidade de avaliar os problemas dos grupos domésticos na luta diária pela subsistência. Durante essa permanência no povoado, fizemos um levantamento de toda a popula-

M.G.  
01-2

ção, buscando saber a profissão, ocupação, idade, sexo, tempo de residência e outros aspectos que viessem esclarecer a situação de seus moradores. Além desses dados, outros foram coletados através de entrevistas e histórias de vida.

Localizado no Nordeste Paraense, o povoado pesqueiro de Baunilha faz parte do distrito de Quatipuru que, juntamente com os distritos de São João de Pirabas, Japerica e Primavera (distrito sede), formam o Município de Primavera, Micro Região Homogênea 21, Pará.

Esse povoado possui uma população de 232 habitantes, dos quais, 134 são do sexo masculino e 98 do sexo feminino (Fig. 1, tab. 1), distribuídos em 39 casas ou "ranchos" como são chamados localmente essas habitações. Desses 232 habitantes, 40% são analfabetos; 30,2% possuem primário incompleto, sendo que 20,7% estão na faixa etária de 7 a 14 anos e ainda freqüentam a escola, enquanto que os 9,5% restantes são adultos; 27,1% são de crianças com idade inferior a 7 anos e que por isso ainda não freqüentam a escola. Os 2,7% restantes são formados por indivíduos adultos que possuem o primário completo ou secundário incompleto.

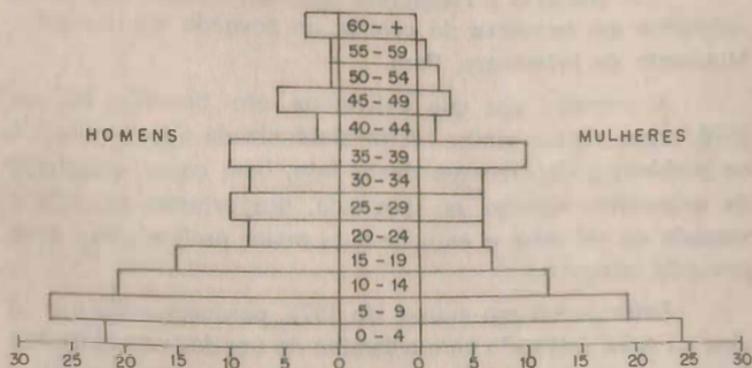


Fig. 1 — Pirâmide de sexo e idade para a população de Baunilha (Ag/1977)

TABELA 1 — População total de Baunilha por sexo e idade  
(Agosto, 1977)

Idade	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
0 — 4	22	24	46
5 — 9	27	19	46
10 — 14	21	12	33
15 — 19	15	7	22
20 — 24	8	6	14
25 — 29	10	6	16
30 — 34	8	6	14
35 — 39	10	10	20
40 — 44	2	2	4
45 — 49	6	3	9
50 — 54	1	2	3
55 — 59	1	1	2
60 — +	3	-	3
<b>TOTAL</b>	134	98	232

A localização geográfica do povoado deu-se à margem da baía de Quatipuru, em uma faixa de terra oriunda de depósito de areia trazida pelo mar. Esse trabalho inicial de depósito e depois de retirada da areia, têm forçado as habitações a se deslocarem em direção ao mangal<sup>(1)</sup> e desestimulado a construção de casas mais sólidas e de melhor ma-

(1) — Mangue — Terreno baixo, junto à costa, sujeito às inundações das marés. Esses terrenos são, na quase totalidade, constituídos de vasas (lama) de depósitos recentes (Guerra, 1966:258).

terial. Também os currais, único meio de produção, sofrem com esse movimento constante e até certo ponto violento das marés, visto que são "fincados" sobre bancos de areia.

Os "ranchos", distribuídos de forma irregular, sem nenhum traçado pré-estabelecido, espalham-se pela estreita faixa de areia, sendo difícil em certos trechos circular entre eles. Com exceção da escolinha municipal e de uma casa de comércio, todos os demais "ranchos" possuem paredes feitas de palha de babaçu (2), sendo a cobertura de telha ou mesmo de palha. A quase totalidade dessas habitações possui o piso feito de paxiúba, o qual precisa ser renovado ou pelo menos substituído em parte, de 2 em 2 anos, no máximo.

São casas pequenas, com dois ou três cômodos, onde adultos e crianças atam suas redes, com pouca ou nenhuma privacidade. Esses "ranchos" são do tipo palafita, sendo os banheiros e sanitários também suspensos do chão e sem nenhum tipo de fossa. Os dejectos caem diretamente na água que corre por trás da faixa de terra onde as habitações estão localizadas. São pequenos espaços, com paredes de palha, sem cobertura e tendo como porta, pedaços de tecido pendurado ou mesmo palhas trançadas. Como o acesso a esses locais é feito através de estivas construídas com troncos de mangue, é freqüente as pessoas perderem o equilíbrio e caírem dentro da água ou mesmo no "tijuco", se a maré estiver baixa (Est. 1a).

Toda a vida econômica e social de Baunilha está em função da maré. É ela quem determina a hora de dormir, de levantar, de se alimentar, de jogar bilharito (único diver-

(2) — As palhas de babaçu eram adquiridas na vila de Quatipuru em 1977, ao preço de Cr\$ 7,00 a dúzia. O comprador pagava Cr\$ 2,00 para transportar essas palhas em canoas, da vila até o Baunilha, saindo portanto a dúzia por um preço real de Cr\$ 9,00. Cada "rancho" leva no mínimo 40 dúzias de palha e, dado o pouco tempo que elas resistem, é fácil de se entender o aspecto de abandono do povoado, já que é dispendioso substituir as palhas apodrecidas, principalmente após cada período chuvoso.

timento local) ou mesmo de ficar conversando com os familiares. Se o pescador-curralista não for fazer a despesca no momento certo, na vazante, a produção do dia estará perdida e só na próxima maré é que conseguirá novo pescado. Sua tecnologia artesanal não lhe dá condições de agir de maneira diferente, pois, "quanto mais fraco o nível de tecnologia, tanto mais a economia fica dependente das variações exteriores, do contexto ecológico" (Godelier, 1975:259).

Dos 40 anos, aproximadamente, de ocupação desse povoado, somente a pesca teve condições de subsistir. Toda e qualquer tentativa, principalmente no tocante à agricultura, foi infrutífera. O solo, por seu elevado teor salino, não dá condições para nenhum cultivo, dentro dos conhecimentos da população.

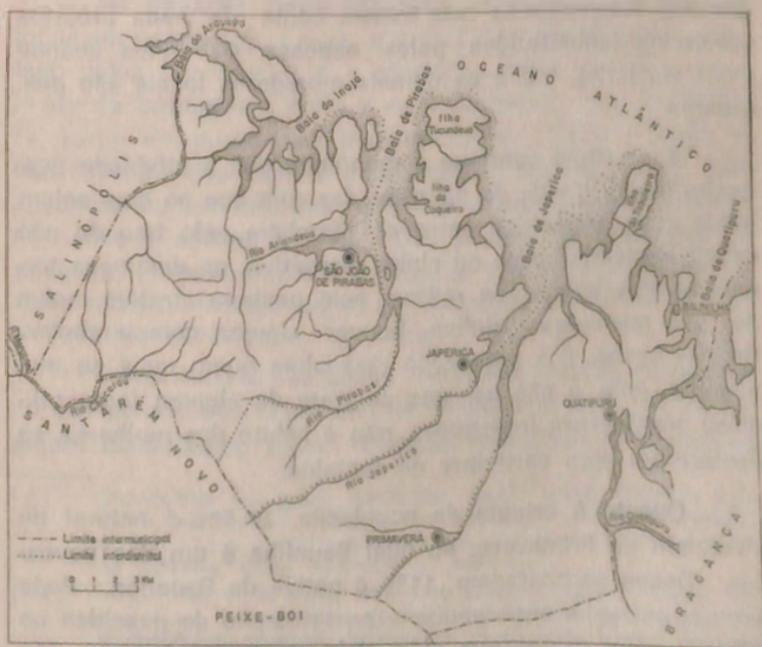


Fig. 2 — Mapa do Município de Primavera

O trabalho desses pescadores-currallistas é contínuo em todos os meses do ano. Mesmo nos períodos menos piscosos, como ocorre durante o verão, o trabalho da pesca após cada maré e a conservação dos currais é praticamente o mesmo, variando apenas o volume do produto colhido e, conseqüentemente, o maior ou menor trabalho de conservação (salga) a ser realizado. Essa situação é inversa à dos agricultores dessa micro-região, cujo caráter descontínuo do trabalho com a terra, possibilita o emprego do tempo excedente em outras atividades durante o período de entressafra. Enquanto esses agricultores (3) podem inclusive trabalhar como assalariado até mesmo nos povoados vizinhos, os pescadores-currallistas de Baunilha não possuem essa opção, seja pela escassez de tempo ou pelo fato de não existir no povoado oferta de trabalho, pois com exceção dos comerciantes que tomam conta de seus próprios comércios (substituídos pelas esposas ou filhos quando estão viajando), todos os demais moradores locais são pescadores.

Esse ritmo contínuo e monótono que a atividade pesqueira impõe à vida do povoado, faz com que os dias sejam todos muito parecidos entre si. Também pelo fato de não existir nenhuma Igreja ou clube recreativo, os domingos tornam-se dias iguais aos outros, sem nenhum atrativo, salvo se, nos povoados vizinhos, houver alguma comemoração. Nesses casos, é a população masculina quem mais se movimenta, pois, a não ser que se trate de alguma festa religiosa considerada importante, não é hábito das mulheres se deslocarem para participar de festejos.

Quanto à origem da população, 80,5% é natural do Município de Primavera, do qual Baunilha é um dos povoados. Dessa percentagem, 11% é nativa de Baunilha. Pode parecer estranho essa pequena percentagem de nascidos no povoado, mas ocorre que além dele ser muito recente, não

(3) — Sobre a situação dos agricultores, cf. Silveira, 1977.

existe no local nenhuma assistência médica e nem mesmo alguma parteira "curiosa", sendo esta a razão porque as gestantes preferem realizar os trabalhos de parto na vila de Quatipuru ou mesmo em algum município vizinho como Bragança, Capanema ou Salinópolis, só permanecendo no Baunilha quando é inteiramente impossível o seu deslocamento para outro centro.

#### A ECONOMIA LOCAL E SEU SISTEMA DE AVIAMENTO

A principal atividade econômica do povoado de Baunilha é a pesca. Essa atividade que atinge a quase totalidade da população, desenvolve-se de forma artesanal, através do trabalho independente dos grupos domésticos<sup>(4)</sup>, que são as unidades básicas de produção e consumo.

No Baunilha verifica-se uma certa especialização na atividade pesqueira. Assim, o curral do tipo "enfia"<sup>(5)</sup>, adotado pelos pescadores, é a armadilha mais utilizada nesse modo de produção e onde a rede de pesca, tipo malhadelra, surge em proporções insignificantes. Mesmo assim, o uso dessas redes sempre é paralelo ao uso do curral. Não encontramos nenhum indivíduo que desenvolvesse a pesca utilizando-se apenas de rede. Das 39 famílias residentes no povoado, 29 possuem curral próprio, 3 são famílias de comerciantes/intermediários e, as restantes, trabalham em sociedade nos currais.

Esses currais são quase todos financiados, pois, pouco são os que têm condições de construí-los sem recorrer a algum comerciante local. Quando financiado, a dívida do

- (4) — Entendemos por grupo doméstico aquele grupo formado pelo chefe, sua mulher e seus filhos solteiros, podendo, entretanto, contar com a participação de filhos casados e parentes, reais ou fictícios, sejam maternos ou paternos.
- (5) — Embora na região sejam utilizadas outras formas de curral, em Baunilha o tipo chamado de "enfia" é o único empregado. Ele é conhecido, também, localmente, como "de lavado", porque sendo "fincado" sobre bancos de areia existentes na baía de Quatipuru, na vazante eles ficam limpos e a descoberto, facilitando a despesca (Est 3a).

currel é paga em peixe. Após a despesca, o currelista retira o necessário para o consumo de sua família e o restante, após ser salgado, é entregue ao financiador/comerciante para amortizar a dívida. Vale a pena ressaltar que os comerciantes locais, além de desempenharem o papel de financiadores, são também intermediários. As vezes esses intermediários locais vão até Boa Vista, povoado mais próximo, entregar o produto, principalmente quando têm barco próprio. Ocorre também a vinda de intermediários de outros povoados ou município, para buscar a produção armazenada em Baunilha, pelos comerciantes locais.

Quanto ao tempo gasto para o resgate da dívida contraída para a construção do currel, varia de acordo com a época em que esse tipo de armadilha for construída, havendo uma certa preferência pelos meses de março e abril, meses que precedem a grande safra de peixes. Mesmo após o pagamento da dívida, o currelista fica ligado ao financiador por um compromisso moral, que o obriga a dar-lhe preferência na compra do pescado. Se tal regra não for seguida, na próxima vez em que o currelista necessitar de novo financiamento, terá que recorrer a outra pessoa, por saber de antemão que tal empréstimo lhe será negado.

Esse acordo tácito entre as duas partes cria uma grande dependência dos currelistas em relação aos comerciantes/intermediários responsáveis pelo financiamento, pois aqueles dependem destes, tanto para a construção de seu meio de subsistência quanto para a certeza da venda do produto que, apesar de passar por um processo muito simples de conservação por meio de salga, tem seu tempo limitado, dada as precárias condições de armazenamento.

A inexistência de um contrato escrito no sistema de aviamento e financiamento, deve-se em grande parte ao fato de, em geral, pelo menos uma das partes ser analfabeta, daí a preferência pelos contratos verbais que se apoiam apenas nas qualidades morais das pessoas envolvidas. Apesar

disso, durante o período da grande safra de peixes, os comerciantes locais já se habituaram a enfrentar um concorrente que vem de fora e que até certo ponto consegue prejudicar a relação comercial já tradicionalmente montada, que são os "marreteiros", chamados localmente de "colonheiros", por serem habitantes das colônias dos municípios vizinhos. Esses "colonheiros" vêm em canoas, transportando gêneros alimentícios, frutas e outras utilidades. A transação é realizada diretamente entre eles e o consumidor local e a troca é feita em espécie, cujo valor é previamente fixado em termos de dinheiro. Assim, se a arroba de peixe estiver custando Cr\$ 70,00, o pescador poderá trocá-la por mercadorias cujo montante corresponda a essa importância.

A população pesqueira de Baunilha depende dos comerciantes e intermediários, não apenas para garantir o financiamento para suas armadilhas de pesca ou para a compra do pescado, como também para a aquisição de sal, indispensável para o processo de conservação adotado, e dos demais gêneros de primeira necessidade. A diferença existente nesses financiamentos está no tempo que o pescador dispõe para efetuar o pagamento. Vimos que a dívida do curral é resgatada, com maior ou menor brevidade, dependendo apenas da produção diária do pescador. Quanto aos alimentos retirados e ao sal, suas formas de pagamento variam inclusive entre si. O sal pode ser pago até o final da quantidade que foi aviada, pois "não se pode ficar devendo uma coisa que já acabou". Baseados nessa mesma regra, o aviamento<sup>(6)</sup>, de alimentos é resgatado o mais breve possível, ou seja, no final de cada despesca. Só mesmo em casos excepcionais o pagamento da dívida poderá ser efetuado em outra ocasião, e para isso também concorre o grau de relacionamento existente entre as duas partes, se bem

(6) — Aviar é um termo forjado na Amazônia. Significa fornecer mercadorias a crédito. O aviamento pode definir-se... como uma modalidade de crédito simultâneo à produção e ao consumo (Santos; 1968:11).

que a regra geral seja o pagamento da dívida após cada jornada de trabalho. Mesmo correndo o risco de ficar sem receber o pagamento, o comerciante não cria muitos obstáculos quando tem que adiar o recebimento da dívida, por ser essa uma maneira a mais de fortalecer o compromisso de ter a preferência na compra do pescado, mesmo após o resgate da dívida contraída para a construção do curral.

Nas três pequenas vendas existentes, as relações entre consumidor e vendedor são as mais descontraídas possíveis. Chega-se ao ponto de quando o consumidor procura algum produto que não existe na venda, o vendedor fica completamente à vontade para oferecer outro produto em lugar do solicitado, por mais que entre o produto procurado e o oferecido haja grande diferença de utilidade. Esse relacionamento só é possível devido ao fato da população ser pequena (232 indivíduos), o que permite aos comerciantes locais conhecer as preferências individuais. Também o fato de oferecer outro produto que não o procurado, é uma maneira de informar as mercadorias que podem ser adquiridas, numa forma discreta de competição com os demais comerciantes.

É fácil perceber-se em Baunilha, bem como em outros povoados da Amazônia, que por trás da operação de oferta e procura, existe inegavelmente uma rede de relações entre os habitantes, que parece sobreviver aos diversos tipos de transação, principalmente aquelas relações que têm por base o parentesco e o compadrio, sem que, contudo, as demais relações puramente econômicas deixem de ter sua importância. Segundo Belshal (1968:104), a **procura de relações duradouras como questão de confiança e segurança é uma característica importante nos sistemas camponeses de praça de mercado. Existe um conjunto de laços entre comprador e vendedor, seja de produtor-ao-comerciante, comerciante-ao-comerciante ou comerciante ao consumidor.**

Além das já citadas, outra forma de financiamento que ocorre no povoado é referente à sociedade no curral.

Assim é que, em caso de uma sociedade entre duas pessoas ser desfeita, o comerciante-financiador pode comprar a parte do curralista que deseja sair da sociedade e financiar a mesma, a longo prazo, para a parte remanescente da sociedade ou para outro curralista interessado em fazer parte da sociedade em questão. Esse financiamento também é pago em peixe seco.

Esses currais duram no máximo 2 anos, isso se antes não forem levados pela maré, fazendo com que os curralistas acumulem dívidas, pois, sabendo-se da forma de pagamento nesse tipo de financiamento, é fácil calcular o grau de dependência que se cria em relação ao comerciante-financiador.

Para a construção desses currais, com exceção dos mourões, indispensáveis a sua firmeza e que são retirados dos mangais, todo o material restante vem de outros locais. Assim é que as talas utilizadas são de tucum ou bambu, sendo esta última de maior durabilidade. A compra é feita em dúzias e o preço de cada uma em 1977, variava de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 12,00, dependendo do tamanho da palha. Para ficarem em condições de serem utilizadas, são retirados os espinhos e, após serem abertas, essas talas são ligadas umas às outras por cipó trançado (Est. 2a), que também vem de fora do povoado. O quilo por ocasião da pesquisa, custava Cr\$ 5,00 e o cento, Cr\$ 30,00. A vantagem na compra do cipó em quilo é que ele vem com todo tamanho, enquanto que na compra em cento, ele vem cortado em pedaços de 5 m aproximadamente, o que dificulta o trabalho, dada a necessidade de ser emendado com freqüência, o que, sem dúvida, diminui sua resistência.

Durante nossa permanência em campo, observamos que os pescadores locais encontram-se em condições econômicas tão precárias, que sem financiamento para os currais, o aviamento do sal e dos gêneros de primeira necessidade, é totalmente impossível exercerem suas atividades econômicas. Como dificilmente o produtor consegue economizar

algum dinheiro durante o ano, devido a discrepância existente entre o valor do quilo do peixe salgado e o preço das mercadorias indispensáveis a sua subsistência, uma vez que essas são trazidas de outros municípios, esses pescadores/aviados têm que recorrer ao comerciante/aviador, para poderem continuar desenvolvendo suas atividades. Além disso, como evidencia Brasil (1973:9) com relação a pesca no Nordeste, a comercialização de toda a produção, **obedece a um sistema bastante complexo, onde a vasta rede de transações faz distanciar o homem que trabalha no mar do consumidor urbano, dando lugar a uma alta considerável no preço do peixe por ocasião da última transação de venda e, conseqüentemente, priva o primeiro de uma participação condigna no valor final do produto de seu trabalho.**

São portanto as condições em que se desenvolve a produção que faz com que o sistema de aviamento se mantenha firme, apesar do aspecto exploratório que o caracteriza. Como já foi dito anteriormente, toda a produção do povoado depende, para ser escoada, dos barcos existentes e que pertencem aos comerciantes/intermediários, tanto locais quanto os de Boa Vista e vila de Quatipuru. Esse escoamento tem que ser feito com relativa freqüência, por não haver condições locais para um armazenamento satisfatório. Tudo isso faz com que o intermediário, dentro do sistema econômico vigente, se transforme num elemento quase que indispensável para a sua manutenção, apesar dos pescadores terem consciência de que esses intermediários retiram grandes lucros na venda de peixe para outros centros.

Constatando o envolvimento econômico que existe entre comerciante/aviador e produtor/aviado, é que concordamos com Santos (1968:27), quando diz que **o produtor paraense é um homem fixado em sua condição, sem perspectiva de sair dela enquanto perdurar o sistema de aviamento. Assentada sobretudo no setor primário, e neste dominando um mecanismo expropriativo, em que a renda real do**

**produtor é em parte expropriada em benefício de outros grupos sociais e da grande capital, a economia paraense aparece como um pedaço economicamente pobre, em que até os pobres exploram os mais pobres, consciente ou inconscientemente.** Essas considerações levam-nos a questionar até que ponto, no sistema econômico existente, será possível a esses produtores, quase sempre localizados em áreas de difícil acesso e sem meio de transporte próprio, deslocarem sua produção para outros centros, sem a participação do aviador que é também o intermediário? Acrescentando-se a isso a simplicidade dos equipamentos utilizados, que limita a possibilidade de uma maior produção e, conseqüentemente, de uma maior renda, a dependência dos produtores em relação aos aviadores/intermediários só tende a aumentar.

Essa subordinação aos comerciantes/intermediários locais que detêm o monopólio da compra do produto parece ser mais acentuada em Baunilha que em outros povoados por nós visitados, no Município de Primavera. Acreditamos que isso decorre do fato do instrumento de pesca de seus habitantes ser apenas o curral. Em outros locais da Zona do Salgado, onde os instrumentos de pesca são mais diversificados, as pequenas alterações introduzidas, tais como as malhadeiras e os fios de nylon, vieram proporcionar uma maior produtividade e, conseqüentemente, aumentou a rentabilidade, diminuindo assim, para alguns, um pouco da dependência aos intermediários. Comparando-se a situação ali existente com a estudada por Ivo (1975:52) em Salvador, o subsistema da pesca se caracteriza hoje em dia, tal como ocorria no passado, **por uma estrutura tradicional de dominação, altamente expoliativa, que teve sempre por requisito o baixo nível de produtividade e um número crescente de pescadores dependentes.**

Também em trabalhos realizados com os produtores de juta no Amazonas, Miyazaki & Ono (1958:553), sentiram esse mesmo problema de dependência e subordinação, daí dize-

rem que esses produtores encontram-se em condições econômicas tão precárias que sem esse aviamento, não podem exercer suas atividades produtivas... Todavia, uma vez à mercê dos aviamentos, é sumamente difícil que reste ao produtor um saldo favorável oriundo da diferença entre o valor da produção da juta e o valor das mercadorias recebidas em adiantamento.

#### IMPORTÂNCIA DO GRUPO DOMÉSTICO NA ECONOMIA

No Baunilha, a produção pesqueira se realiza exclusivamente dentro do grupo doméstico, onde cada um de seus membros contribui com sua força de trabalho, independente da idade e do sexo. Tal como diz Mendras (1978:47), o grupo doméstico é uma verdadeira comunidade, para a qual cada um contribui com sua força e da qual cada um espera sua subsistência, sem que haja contabilização na mesma correspondência de uns com relação a outros.

A divisão sexual do trabalho dentro do grupo é feita de tal forma que todos os seus componentes, com exceção dos doentes, inválidos e crianças menores de 7 anos, contribuem para o bom desempenho das atividades necessárias à sobrevivência do mesmo. Em Baunilha, por exemplo, as crianças do sexo masculino ajudam os pais a retirar as entranhas e a cabeça dos peixes, a passar sal e a colocá-los para secar. Também é comum essas mesmas crianças, quando não estão ajudando dentro de seu próprio grupo, trabalharem para os intermediários, arrumando os peixes salgados armazenados nas salgadeiras (7), para serem transportados para os barcos. Essa atividade extra grupo doméstico, realizada por meninos, possibilita um ganho a mais, pois, por cada paneiro de uma arroba, o comerciante pa-

(7) — Essas salgadeiras têm a forma de pequenos cômodos com apenas uma porta, construídos próximos às casas, como as utilizadas pelos comerciantes para guardar seus estoques. ou se assemelham a jirais cobertos, anexos às casas dos pescadores (Est. 2b).

gava, na época da pesquisa, Cr\$ 1,00 e, aos paineiros de mais de uma arroba, Cr\$ 1,50. Também era pago o transporte dessas salgadeiras até as embarcações e tal transporte custava Cr\$ 1,00 à meninada.

As crianças do sexo feminino, apesar de nas ocasiões em que o peixe fica mais abundante fazerem os mesmos trabalhos que os meninos, seu âmbito de cooperação no grupo doméstico se restringe ao interior do lar e consiste principalmente em cuidar dos irmãos menores e da casa, ajudando a mãe inclusive no preparo da alimentação familiar.

As mulheres adultas, além de serem as responsáveis pela alimentação da família, pela limpeza da casa e pela lavagem da roupa, são também quem fabricam o carvão que será consumido em suas cozinhas. Pelo que observamos, essa é uma atividade quase sempre executada por mulheres, cabendo ao homem a retirada da madeira do mangal, sendo elas que fazem as caieiras e preparam o carvão (Est. 1b). No "verão" esse tipo de combustível é feito em grande quantidade para suprir as necessidades do "inverno", quando então é impossível fazê-lo. Nessa ocasião, o preço do saco de carvão sobe consideravelmente, por serem poucas as famílias que possuem fogão a gás e porque nem todos se preocupam em fazer estoque para enfrentar o período chuvoso.

Apesar das mulheres responderem sempre que são apenas donas-de-casa quando interrogadas sobre suas ocupações, constatamos que na época da safra do peixe, elas também ajudam o marido, bem como os filhos, principalmente os do sexo masculino, pois esses são desde cedo treinados para executarem as diversas tarefas dos pescadores.

Embora caiba ao chefe da família as decisões mais importantes, como a ida de algum de seus filhos para trabalhar ou mesmo estudar em outro local, é opinião geral que as mulheres sempre devem ser consultadas. Isto é facili-

tado pela maneira de vida desses pescadores pois, existe uma grande camaradagem entre todos os elementos do grupo doméstico, onde o chefe e sua mulher ocupam posições de destaque. Também a importância econômica do trabalho feminino ao lado dos demais elementos do grupo, possibilita e fundamenta a posição de participante que a mulher tem na comunidade.

Quanto aos homens adultos, esses executam todas as tarefas ligadas à pesca, ou seja, construção de currais, fabricação das redes necessárias aos currais, conserto das canoas, despesca, salga, secagem dos peixes e, finalmente, a entrega do produto ao comerciante/intermediário. Também constroem seus ranchos, tecem paneiros com as talas trazidas do Município de Mirassella pelos "colonheiros", além de irem ao mangal cortar madeira para a construção dos currais e fabricação de carvão. Empalhar os ranchos é uma atividade tipicamente masculina. Entretanto, na impossibilidade de realização de alguma dessas atividades por membros masculinos do grupo doméstico, as mulheres adultas estão aptas a executá-las sem que por isso deixem de merecer o respeito da população. O que importa realmente é que o grupo doméstico como unidade produtora e consumidora funcione normalmente a fim de que a segurança de seus elementos seja mantida.

Essa necessidade de se manter o equilíbrio do grupo doméstico traz, às vezes, mudanças significativas na vida de seus membros. Dona Mila por exemplo, ficou viúva quando seus seis filhos ainda eram crianças, sem condições portanto de assumirem as funções de chefe da família. Como a única profissão existente no Baunilha é a pesca e, sendo impossível desenvolver essa atividade a ponto de torná-la rentável para sustentar sua família, Dona Mila uniu-se a um pescador local e, segunda ela, "não tinha arranjado esse homem se os filhos já fossem grandes para trabalhar e trazer comida pra todo mundo".

Vemos assim, que toda a vida econômica do povoado organiza-se no seio do grupo doméstico e, também, é nele que a repartição das tarefas por sexo e idade são distribuídas, baseando-se na divisão de trabalho vigente na comunidade.

A água potável, elemento indispensável mas que existe em Baunilha, cria, por si só, toda uma divisão de atividades dentro do grupo doméstico. Assim é que a coleta da água que mina nos poços, vinda do mangal, é um encargo que pertence às mulheres adultas. Como essa água aparece lentamente no fundo dos poços, cavados na areia da praia, as donas-de-casa costumam deixar os meninos ou meninas a postos, para realizarem essa tarefa de "catar água", com pequenas latas que servem de balde, penduradas em corda fina. Quando a lata d'água está cheia, uma das mulheres adultas do grupo irá buscá-la. Essa água, de cor vermelho escuro e cheiro característico de mangue, é aproveitada para lavar roupa, louça e, às vezes, até para tomar banho, não servindo entretanto para ser bebida.

Quando se trata do transporte da água doce de outros povoados próximos para o Baunilha, transporte esse feito em barris, essa tarefa é executada apenas pelos homens. Trazidos em lanchas ou barcos à vela, ao chegarem à praia esses barris são transportados por dois homens que suspendem cada barril por meio de uma vara presa às cordas que envolvem o recipiente e que é apoiada no ombro de cada um dos carregadores. Em 1977, o carroto cobrado para o transporte de cada barril custava Cr\$ 5,00, além da passagem do indivíduo que buscava a água, dando assim um valor de custo ao líquido e que por isso deve ser economizado o máximo possível, principalmente no "verão" (período de estiagem), quando a diminuição das chuvas impede que a mesma seja coletada em abundância, como ocorre no período chuvoso. Para facilitar a referida coleta, faz-se uma calha de madeira que acompanha a extensão da casa e cuja

extremidade é voltada para o interior do rancho, na cozinha, facilitando assim o aproveitamento da água da chuva (Est. 3b).

No "verão", a escassez de água da chuva e a dificuldade em ir buscar o necessário para a família, faz com que os grupos domésticos mais numerosos enviem as mulheres adultas e os filhos menores para os povoados vizinhos, principalmente Boa Vista, onde permanecem até a chegada das chuvas, ficando em Baunilha apenas os homens adultos para desenvolverem as atividades pesqueiras. Essas famílias freqüentemente hospedam-se em casa de parentes e, quando possível, constroem suas próprias barracas. Quando entretanto se faz necessária a contribuição de todos os braços ativos do grupo na produção, a solução adotada é a de enviar alguma das mulheres adultas ao povoado mais próximo, para lavar a roupa suja da família, já que na época da estiagem, até mesmo a água que nasce nos pequenos poços escavados na areia, fica tão escassa e escura, que se torna difícil lavar qualquer roupa sem o risco de perdê-la.

Todas essas dificuldades têm feito com que muitos grupos domésticos abandonem o povoado. Dos 70 "ranchos", aproximadamente, que existiam em 1976 (ocasião de nossa primeira visita ao povoado), encontramos apenas 39 em 1977, pois, durante os dois últimos "verões", muitas famílias abandonaram o povoado em caráter definitivo por estarem "cansados de tanto lutar".

A necessidade que existe de participação de todos os membros do grupo doméstico para seu equilíbrio, faz com que a educação das crianças fique quase sempre num plano secundário. Assim, se após a vazante, quando o peixe é trazido para a praia a fim de ser salgado, coincidir com o horário das aulas, poucas são as crianças que vão até a escola, não apenas pela necessidade de ajudar nas atividades do grupo, como também por desinteresse.

O deficiente preparo das duas professoras locais (uma cursou até a 5.ª série e a outra até a 6.ª série do primeiro

grau) e a falta de material didático, faz com que as crianças não se sintam motivadas para ir à escola, contribuindo também para esse fato o pouco interesse da maioria dos pais, que não veem grande necessidade na educação dos filhos, já que eles "apesar de analfabetos continuam vivos e trabalhando".

Com referência à profissão e ocupação da população masculina, como já foi dito anteriormente, na sua quase totalidade está voltada para as atividades ligadas à pesca. Assim, de forma e intensidade diferentes, esses elementos desde os 7 anos de idade dedicam-se às lides da pesca. Nessa atividade estão incluídos os pescadores profissionais; os ajudantes de pesca, assim denominados por não terem curral próprio; e os meninos que, apesar de se considerarem apenas estudantes, participam das diversas etapas da pesca sempre que necessário. Os demais elementos masculinos são menores de 7 anos ou adultos improdutivo, além dos 5 vendedores ambulantes e dos 3 comerciantes existentes.

#### PADRÕES DE COMPORTAMENTO

Com relação aos padrões morais vigentes no povoado, mesmo havendo diferença entre o comportamento real e o ideal, constatamos que eles determinam a conduta de seus membros de forma até bastante rígida.

Um exemplo, ligado aos padrões de casamento dentro da comunidade, vem constatar o que foi acima mencionado. Através de conversas informais, observamos que a fuga dos noivos antes do casamento é quase uma constante entre os casais do povoado, mesmo quando as famílias envolvidas são a favor do casamento. Isso ocorre devido as famílias exigirem que o noivo tenha casa montada para morar e que a noiva esteja com seu enxoval pronto, para que a cerimônia se realize. Como os noivos sabem que se forem

agir de acordo com as normas ditadas pelas famílias terão que esperar muito tempo, por não terem condições econômicas para realizarem, num curto espaço de tempo, o que lhes é imposto, eles fogem.

Após a fuga, mesmo que nenhuma relação mais íntima tenha ocorrido, o casamento é logo realizado, para "limpar o nome das famílias". Geralmente após a fuga, caso ainda não tenham um lugar certo para residirem, os noivos vão para a casa de algum parente (dele ou dela). Esse mecanismo usado, mesmo indo contra os padrões ideais da comunidade, normalmente não traz problemas para o futuro relacionamento do casal com suas respectivas famílias, a não ser que uma das partes seja contra a união. Nesses casos, a reação mais forte é por parte dos membros mais velhos do grupo familiar, que evitam freqüentar a casa onde o casal se encontra, só voltando a estabelecer um relacionamento amistoso com o mesmo, após o nascimento de seu primeiro filho.

Observa-se nessa atitude dos noivos uma ruptura do comportamento prescrito pela sociedade, motivada pelo baixo poder aquisitivo das pessoas envolvidas, e que as obrigará a uma reparação, a uma punição pela falta cometida, a qual, na realidade, foi a motivação primeira para a quebra desse padrão moral de comportamento.

A cerimônia é geralmente realizada na vila de Quatipuru, ou na sede do município, visto que a povoação não dispõe de cartório nem capela, daí porque se torna necessário o deslocamento, onerando ainda mais as despesas da família.

Constatamos, também, que é significativo o número de pessoas separadas de seus cônjuges mas que constituíram novas famílias, sendo esse fato aceito com bastante naturalidade pelos habitantes locais. Acreditamos que a instabilidade econômica que marca a vida desses pescadores seja a responsável em grande parte pelos problemas conjugais que geralmente levam à separação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas tentativas de análise aqui esboçadas, acreditamos ter deixado subentendido na parte introdutória deste trabalho que Baunilha é um povoado que se encontra atualmente num rápido processo de decadência. Esse processo é decorrente da emigração de famílias inteiras para outros centros, pressionadas pelas condições ecológicas da área que, através do movimento das marés que vêm paulatinamente retirando a areia antes depositada sobre o mangal e com isso estreitando cada vez mais a faixa possível de ser ocupada pela população, além de dificultar o desenvolvimento da pesca artesanal praticada no povoado. Também a inexistência de água potável tem sido responsável pela emigração de várias famílias, como já dissemos anteriormente.

O sistema de aviamento, enfoque principal deste trabalho, apesar de apresentar alguns traços que julgamos particulares ao povoado de Baunilha, de uma forma geral é bastante semelhante ao de toda a Amazônia. Trabalhos como os de Miyazaki & Ono (1958), Las Casas (1964), Roberto Santos (1968) e Wagley (1957), por exemplo, mostram-nos a existência ainda em vigor desse sistema de crédito, apesar do aspecto exploratório com o qual se reveste.

Mesmo sem termos feito grandes comparações entre o Baunilha e outros povoados da Zona do Salgado, é possível perceber-se que Baunilha apresenta algumas características próprias que o diferem de outras comunidades amazônicas, visto que vários aspectos da cultura são decorrentes da forma com que a exploração do ambiente é efetuada. O acesso ao povoado, dificultado pela necessidade de atravessar-se a baía de Quatipuru ou então esperar pela maré alta para que se consiga atravessar um estreito furo que liga Baunilha ao povoado de Boa Vista, é outro entrave impedindo um maior contato do povoado com outros centros vizinhos e, conseqüentemente, a um melhor conhecimento dos

preços reais de mercado, fato esse que favorece bastante aos intermediários.

Os complexos problemas com que se defronta o povoado de Baunilha, dificilmente poderão ser resolvidos apenas por seus habitantes. Quando lá estivemos, falava-se na viabilidade de construção de um poço artesiano, profundo o suficiente para atravessar a faixa de mangue e atingir algum lençol de água potável, mas que, contudo, a verba necessária para tal empreendimento teria que partir dos cofres públicos, dado o baixo nível de renda da população. Se considerarmos, entretanto, as condições ecológicas na qual se encontra essa estreita faixa de terra, seria um investimento inútil a construção do referido poço; daí, acharmos extremamente difícil que tal fato venha a ocorrer e acabar com o sério problema da inexistência de água doce no povoado.

Sabendo-se que apenas a pesca é desenvolvida nesse povoado como atividade produtiva, é fácil detectar a dependência da população aos produtos agrícolas de outros centros produtivos, necessários à complementação de sua dieta, por serem esses produtos indispensáveis à manutenção e reprodução da força de trabalho desses pescadores, visto ser isso impossível apenas a nível de suas atividades<sup>(8)</sup>. Levando-se em conta que a agricultura não tem condições locais para se desenvolver, esses pescadores certamente continuarão dependendo dos comerciantes para suprir suas necessidades básicas e, assim, permanecerão dependendo do sistema de avlamento vigente.

#### SUMARY

This study focuses on the functioning of the system of *aviamento* in Baunilha, a fishing community, located in the municipality of Primavera (homogenous micro-region 21), Pará State, Brazil.

(8) — Sobre essa dependência de produtos agrícolas, cf. Silveira, 1977.

With approximately 40 years of existence, this settlement today is in a well-accentuated process of decline. Its economy is supported by local fishing by domestic groups which are the basic units of production and consumption.

Located on a narrow strip of earth accumulated by deposits of sand made by the movement of the tides on the *mangal* (mangrove swamp), the settlement does not possess potable water. The inhabitants must procure their water needed in neighboring communities, taking a minimum of two hours per round trip by boat, in which they transport the barrels used for carrying the water.

The type of trap used in the fishing industry in Baunilha, is the *curral*. The *aviamento*, the form of credit for production and consumption, is obtained through businessmen and intermediaries, for the construction of traps, as well as for the sale of salt which is necessary to preserve the fish, or for acquisition of products not produced by the fisherman/aviador, but which are indispensable to his diet and maintenance of the domestic group.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

BELSHAW, C. S.

1968 — *Troca tradicional e mercado moderno*. Rio de Janeiro, Zahar. 180 p.

BRASIL, J. P. de S.

1973 — Apontamentos para o estudo do "campeinato pescador" nordestino. *R. Ci. Soc. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 4 (2): 5-18.

CASAS, R. D. de Las.

1964 — Índios e brasileiros no vale do rio Tapajós. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. ser. *Antrop.*, 23, 31p il.

GODELIER, M.

1974 — Antropologia Econômica. In: COPANS, J. et alii. *Antropologia. Ciência das Sociedades Primitivas?* Lisboa, Edições 70. 391 p. (Biblioteca 70 Antropologia).

GUERRA, A. T.

- 1966 — **Dicionário geológico-geomorfológico**. 2 ed. Rio de Janeiro. IBGE. (Biblioteca, Geográfica brasileira, sér. A Publicações 21)

IVO, A. B. L.

- 1977 — **Pesca: Tradição e dependência**. Salvador. 156 p. (Dissertação. Mestrado UFBA).

MENDRAS, H.

- 1978 — **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro, Zahar, 265 p.

MIYAZAKI, N. & ONO, M.

- 1958 — O aviamento na Amazônia (Estudo sócio-econômico sobre a produção de juta). **Sociologia**, São Paulo, 20 (3): 366-653.

SANTOS, R.

- 1968 — O equilíbrio da Firma Aviadora e a significação econômica-Institucional do aviamento **Pará Desenvolvimento**, Belém, 3:9-30.

SILVEIRA, I. M. da

- 1977 — **QUATIPURU: agricultores, pescadores e coletores em uma vila Amazônica**. Salvador 96 p. il. (Dissertação. Mestrado. UFBA.)

WAGLER, C.

- 1957 — **Uma comunidade Amazônica. Estudo do homem nos trópicos**. Comp. Ed. Nacional, 401 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5.ª Brasileira, 290)

(Aceito para publicação em 31/07/79)



a



b

---

Est. 1: a) tipo de banheiro e sanitário existente no povoado; b) Mulher retirando carvão da calçeira (Fotos de Maciel da Silveira, 1977).

---



a

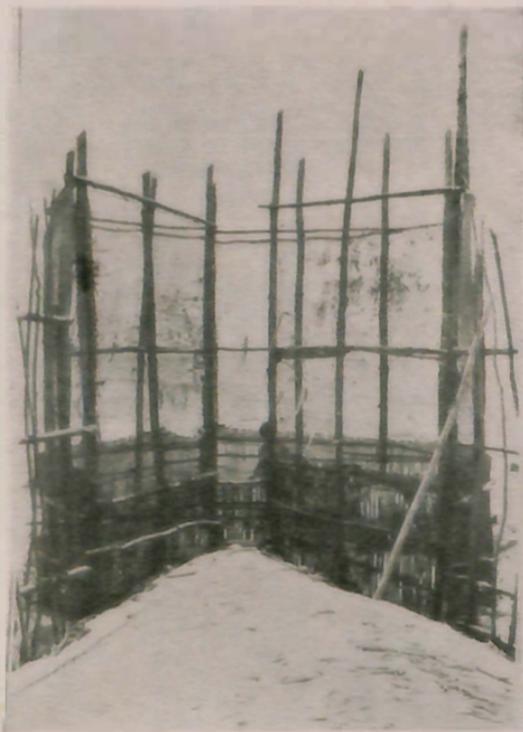


b

---

Est. 2 : a) Currealista tecendo esteira para o curral; b) Salgadeira tipo jirau, anexa ao "rancho" (Fotos Maciel da Silveira, 1977).

---



a



b

Est. 3: a) Entrada para o interior de um "curral"; b) Calha para coleta de água pluvial, mostrando a extremidade voltada para o interior do "rancho" (Fotos Maciel da Silveira, 1977).

SILVEIRA, Isólida Maciel da. Formas de aviamento num povoado pesqueiro da Amazônia. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia, Belém, (74): 1-24, set., illus.

RESUMO. Estudo do sistema de aviamento num povoado pesqueiro do Nordeste Paraense. Os aspectos sócio-econômicos analisados são decorrentes do sistema de aviamento vigente na área. Abordada a divisão sexual de trabalho, procurando mostrar a importância do grupo doméstico na economia, visto que a produção pesqueira é realizada exclusivamente pelos membros desses grupos que são as unidades básicas de produção e consumo. A inexistência de água potável no povoado e os problemas decorrentes desse fato, são também analisados.

CDU 380 101(8115)

CDD 380.109811

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

t



**GRÁFICA FALANGOLA EDITORA LTDA.**  
Rua Santo Antonio, 429  
Belém - Pará